

Dossiê:
"A arquitetura do Engano o Desafio da Representação Perspectiva no Universo Artístico do Mundo Moderno"

A formação da paisagem cultural de Ouro Preto, Minas Gerais – Algumas características do processo de ocupação como constituintes da sua ambiência barroca.

The formation of the cultural landscape of Ouro Preto, Minas Gerais – Some characteristics of the occupation process as constituents of its baroque ambience.

Celina Borges Lemos

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas

Professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais

celinaborg@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8717-8095>

Paula de Souza Carmo Lobato

Mestre em Arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais

celinaborg@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6840-0591>

Recebido em: 21/06/2021 – Aceito em 23/07/2021

Resumo: O estudo sobre as origens da formação da paisagem cultural de Ouro Preto, antiga Vila Rica, analisa alguns vestígios relevantes registrados por respeitados estudiosos do tema como o arquiteto e escritor Sylvio de Vasconcellos. A ocupação e consolidação teve sua origem vinculada às descobertas de reservas auríferas e de outros minerais entre o final do século XVII e parte do século subsequente. As configurações, como no caso dos arraiais que resultaram na conformação cidadina, ocorreram de forma longilínea, espreada, sem definição de um centro polarizador ou dotado de centralidade. O crescimento desses arraiais dinamizados pela prosperidade socioeconômica culminou na constituição de uma primeira paisagem da vila. A definição do traçado, a topografia peculiar, a constituição da arquitetura religiosa e civil, entre outros fatores, vão condicionar a formação de uma paisagem cultural singular.

Palavras-chave: Configurações, cidade, paisagem, barroco, arraiais.

Abstract: The study on the origins of the formation of the cultural landscape of Ouro Preto, formerly Vila Rica, analyzes some relevant vestiges recorded by respected scholars on the subject such as the architect and writer Sylvio de Vasconcellos. The occupation and consolidation had its origins linked to the discoveries of gold reserves and other minerals between the end of the 17th century and part of the subsequent century. The configurations, as in the case of the villages that resulted in the city's conformation, occurred in a long, sprawling way, with no definition of a polarizing center or endowed with centrality. The growth of these camps, boosted by socioeconomic prosperity, culminated in the creation of the village's first landscape. The definition of the layout, the peculiar topography, the constitution of religious and civil architecture, among other factors, will condition the formation of a unique cultural landscape.

Keywords: Settings, city, landscape, baroque

Introdução

¹ BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

²PIRES, P. dos Santos. A paisagem rural como recurso turístico. In: RODRIGUES, A. B. (Org.) Turismo Rural: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2003. p. 117-132.

³SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1996.

Dossiê:
"A arquitetura do Engano o Desafio da Representação Perspectiva no Universo Artístico do Mundo Moderno"

Algumas reflexões sobre a paisagem

A atratividade da paisagem natural é determinada pela unidade, força, harmonia e, sobretudo, pela beleza dos elementos naturais que a integra, havendo aí incidências tanto de permanências como de mudanças. A paisagem cultural pode ser definida por meio de legados impregnados de práticas sociais, heranças, legados de seus habitantes. Ao longo da história da região ouro-pretana as permanências no espaço e no tempo têm sido são acrescidas pela presença cada vez mais ampliada do visitante, que transforma a paisagem e simultaneamente referendadas as suas permanências.

A vivência e a experiência humanas fazem parte da paisagem e são regidas por uma percepção. Os percursos das pessoas e as práticas de atividades no cotidiano permitem que estas estabeleçam, com o local, percepções vinculadas aos domínios ótico (contemplativos) e tátil (processos de ocupação e apropriação).¹ Nas suas deambulações, as pessoas vivenciam a paisagem através de diferenciadas possibilidades. Na medida em que estes atribuem à paisagem valores e significados individualizados, registram um ato criativo em que uma mesma cena pode ser observada e interpretada a partir de inúmeras possibilidades.²

Devido a estes fatores, o conceito de paisagem tem sido utilizado de distintas maneiras e com diferentes significados. Isso se explica uma vez que a paisagem implica uma percepção sensorial e está sujeita a múltiplas interpretações pelos matizes disciplinares correspondentes. A noção de "paisagem"³ encontra suas origens tanto no termo italiano *parerga* quanto no holandês *landshaft*. *Parerga* reporta aos cenários da mitologia clássica e das sagradas escrituras, tão bem representados pelos campos idílicos e pastoris da Toscana, enquanto *landshaft* designa os campos cultivados, tomados do mar pelo trabalho humano. A paisagem, então, envolve tanto o aspecto de idealização e sublimação, quanto às diversas manifestações históricas e à própria História, ou à história de um povo. Marca nesses termos a relação dos seres humanos com a natureza, de modo que seus significados diversos propiciam diferentes formas de abordagem e de utilização desta categoria. Em se tratando da cidade de Ouro Preto, a paisagem reúne três dimensões conceituais principais: a estética ou visual, a cultural e a ecológica.

A dimensão estética pode ser considerada a mais primitiva e intuitiva e se vincula aos aspectos sensitivos e perceptivos do ser humano. Na paisagem cultural o próprio indivíduo atua como agente modificador e modelador do ambiente natural. Como lembra Lévi-Strauss,⁴ a cultura se edifica nesta passagem em que o homem, ao atribuir significado, humaniza a natureza. Nestes processos, as paisagens culturais, de geração em geração, são testemunhas da história e conformam a mimética coletiva dos lugares. Elas apresentam uma carga valorativa de sentido que ultrapassa qualquer conceito individualizado de beleza, de identidade individual ou de equilíbrio ecológico. Por seu turno, a dimensão ecológica se traduz no conjunto de inter-relações entre os seus componentes, como as rochas, águas, vegetação, relevo, dentre outros, e as estruturas constituídas pelo homem. Esta definição pode ser verificada como uma interpretação científica, visto que corresponde às transformações visuais estruturadas nas mudanças dos elementos físicos e biológicos. Nosso trabalho busca abordar alguns dos aspectos, que fizeram da paisagem ouro-pretana um legado par a humanidade.

¹LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes, 1981.

²BAETA, Rodrigo Espinha. Reflexões sobre a crítica de cunho estético à configuração a cidade colonial brasileira, 2012, p. 6. <<http://unuhostpedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/953/928>> Acesso: 08/04/2015.

³SANTOS, Paulo. Formação de cidades no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. Apud BAETA, Rodrigo Espinha. Reflexões sobre a crítica de cunho estético à configuração a cidade colonial brasileira, op. cit., p. 6.

Dossiê:
"A arquitetura do Engano e Desafio da Representação Perspectiva no Universo Artístico do Mundo Moderno"

Sobre a formação da Vila

As cidades mineradoras em Minas Gerais tiveram seus processos de ocupação vinculados às descobertas de reservas auríferas e de outros minerais. Juntamente com as descobertas dos descobridores, os assentamentos eram erigidos a partir da construção de abrigos provisórios e capelas. Nestas estariam guardados e homenageados os oráculos protetores que, convencional e simbolicamente, asseguravam as conquistas. As configurações, como no caso dos arraiais que resultaram na conformação da capital da capitania Vila Rica, davam-se de forma longilínea, espraçada, sem definição de um centro polarizador. De acordo com Baeta⁵, o ensaísta e arquiteto Paulo Santos apresenta uma vasta discussão sobre os núcleos urbanos coloniais no Brasil. Neste contexto, analisa que esses sítios têm como característica evidente uma possível herança medieval (cristã e muçulmana), só teria trazido elementos positivos na construção da forma urbana.

Dentre os comentadores que mais claramente se definiram sobre os acertos e desacertos dos portugueses na construção de cidades no Brasil Colonial, assinalam-se três grupos principais. No primeiro, estão os que consideram tais cidades como não chegando a contradizer o quadro da natureza, exprimindo bem o desleixo do povoador. No segundo, estão os que encaram com complacência, como exprimindo soluções de canhestra ingenuidade do colono. No terceiro grupo estão os que consideram um progresso as cidades construídas com traçados regulares. Nós aspiramos a pertencer a um quarto grupo, partindo do princípio de que a sedução que as cidades de plano informal despertam no homem moderno, e vai ao ponto de as guindarem às altitudes de monumentos nacionais, resulta da genuinidade dessas cidades como expressão sincera da vida, e da sua autenticidade como interpretação de um sistema de conceitos urbanísticos cujas raízes recuam até os obscuros tempos da idade média peninsular - muçulmana e cristã.⁶

Segundo o autor é naquela aparente desordem, como se pode observar na configuração da então Vila Rica, que a inexistência de um traçado prévio ou de uma ideia diretriz que venha a determinar uma espacialização. Identificamos também "[...] uma coerência orgânica, uma correlação formal e uma unidade de espírito que lhe dão genuinidade. Genuinidade como expressão espontânea e sincera de todo um sistema de vida, e que tanta falta faz à cidade regular, traçada em rígido tabuleiro de xadrez".⁷

No entanto, na análise de Baeta o autor não contempla possibilidades de avaliação científica dos núcleos que não estão integrados nos processos de ordenação racional.

Na realidade, Santos afirma que a admiração suscitada por estes arraiais, vilas e cidades espontâneas, está mais ligada ao instinto e ao "bom senso" do que relacionada com o universo do conhecimento acadêmico: [Para Santos] É inútil procurar explicar, fora do plano urbanístico, a sedução que Salvador, Olinda, Ouro Preto, Parati e tantas e tantas outras cidades do Brasil Colonial nos inspiram, só porque elas não se enquadram nos

⁷ SANTOS, Paulo. Formação de cidades no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. Apud BAETA, Rodrigo Espinha. Reflexões sobre a crítica de cunho estético à configuração a cidade colonial brasileira. <<http://unuhoopedag.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/953/928>> Acesso: 08/04/2015. p. 7.

⁸ SANTOS, Paulo. Formação de cidades no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. Apud BAETA, Rodrigo Espinha. Reflexões sobre a crítica de cunho estético à configuração a cidade colonial brasileira, op. cit., p. 7.

⁹ MARX, Murilo. Arraiais mineiros; relendo Sylvio de Vasconcelos. Revista Barroco, Belo Horizonte, UFMG, n.15, 1990-1992.

¹⁰ SANTOS, Paulo. Formação de cidades no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. Apud BAETA, Rodrigo Espinha. Reflexões sobre a crítica de cunho estético à configuração a cidade colonial brasileira. <<http://unuhoopedag.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/953/928>> Acesso: 08/04/2015. p. 7.

¹¹ MARX, Murilo. Arraiais mineiros; relendo Sylvio de Vasconcelos. Revista Barroco, Belo Horizonte, UFMG, n.15, 1990-1992.

¹² MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. A fisionomia das cidades mineradoras. Belo Horizonte: CEDEPLAR / FACE / UFMG, 2001. (Textos para discussão, 163).

¹³ MELLO, Susy. Barroco mineiro. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 74.

¹⁴ BAETA, Rodrigo Espinha. Reflexões sobre a crítica de cunho estético à configuração a cidade colonial brasileira. 2012, p. 2 <<http://unuhoopedag.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/953/928>> Acesso: 08/04/2015.

Dossiê:
"A arquitetura do Engano o Desafio da Representação Perspectiva no Universo Artístico do Mundo Moderno"

tecnicismos urbanísticos deste século. (...) Se aquelas cidades agradam tanto é porque o nosso instinto e o nosso bom senso, mais que os nossos conhecimentos acadêmicos, nos dizem que as soluções delas são boas. E teremos muito a aprender estudando-as, não para copiá-las, é claro, mas para corrigir as distorções que o exagerado tecnicismo da Idade Industrial tem gerado em nós.⁸

Posteriormente a contribuição do arquiteto e pesquisador Murilo Marx,⁹ dará continuidade à pesquisas mencionadas acima. Para o autor, "visualiza inúmeras possibilidades de compreensão científica da estrutura que a cidade dita 'orgânica' adquire, recusando para a sua apreciação a simples intuição e a sensibilidade individual pregadas por Santos".¹⁰ Em sua maioria, como afirma Marx,¹¹ as cidades originavam-se de estradas, cujas margens construídas iam se transformando em suas vias urbanas. Na descrição de Monte-Mor¹² "O caminho principal ou caminhos principais, logo ou tarde, recebiam ordenações que os transformavam em espaços institucionalizados, garantindo localização privilegiada para o comércio e abastecimento[...]." As ruas representavam a continuidade das estradas que, através da aglomeração, que culminaram integrando os arraiais primitivos. "O 'crescimento em vizinhança' garantiria continuidades urbanas que modernamente se denominam 'áreas sucessivas' e se explicam pelo fenômeno da conurbação".¹³

Para Baeta¹⁴

Vasconcellos foi o primeiro a se interessar verdadeiramente pela arquitetura vernacular de Minas, bem como pelo estudo da gênese e morfologia urbana das povoações mineiras, descritas por vezes como "organismos vivos". Como Santos, o autor identificou as qualidades estéticas dos traçados não retilíneos, salientando que, na zona mineradora, tais qualidades eram acentuadas pela topografia acidentada. Segundo o arquiteto mineiro, a implantação das igrejas matrizes e das múltiplas igrejas e capelas das irmandades em largos ou em outeiros a cavaleiro das vias públicas produz belos efeitos cênicos e harmoniza-se com a paisagem natural.

A região de Vila Rica, descoberta através das entradas e bandeiras organizadas para se explorarem as riquezas do sertão, foi adentrada principalmente a partir da segunda metade do século XVII. Entre as inúmeras descobertas ocorridas no final daquele século, na notícia sobre o ouro em "grãos cor de aço" espalhou-se rapidamente. Nesse processo de descobertas e fixações, a fundação do Arraial Vila Rica, por volta de 1698, coube ao Padre João de Faria Fialho Filho, aos irmãos Camargo e ao Sr. Antônio Dias de Oliveira.

Como analisa Vasconcellos¹⁵

A topografia de Vila Rica é bastante imprópria ao estabelecimento de uma povoação. Terrenos planos naturalmente são praticamente inexistentes, e o solo, muito duro para aterros ou escavações. As ruas, localizadas nas encostas, deixam, então, de um lado, lotes com grandes aclives e, de outro, lotes com fortes declives. Essa topografia, assim difícil, explica as preferências e desapareços por diversos sistemas construtivos. Desistindo de corrigir os terrenos, alçam-se casas sobre eles, por intermédio de esteios ou

¹⁵ VASCONCELLOS, Sylvio de. Vila Rica. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 66.

¹⁶ VASCONCELLOS, Sylvio de. Mineiridade. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968, p. 129.

¹⁷ MELLO, Susy. Barroco mineiro. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 78.

¹⁸ MELLO, Susy. Barroco mineiro. op. cit., p. 78.

Dossiê:
"A arquitetura do Engano o Desafio da Representação Perspectiva no Universo Artístico do Mundo Moderno"

pilares e, para facilitar estas elevações, preferem-se as estruturas autônomas, de madeira ou, pelo menos, mistas, em virtude de as construções de estruturas (paredes) maciças, que distribuem uniformemente as cargas no chão, em fundações mais ou menos contíguas, exigirem, de preferência, terrenos planos.

A formação do arraial foi agilizada pelo intenso afluxo populacional voltado para a exploração do minério. Vasconcellos¹⁶ considera que as cidades voltadas para a mineração não tiveram infância: "Nasceram como a Deusa de Atenas, já feitas e armadas. O povoamento se fez com gente passando por todos os estádios de civilização, desde o elemento bárbaro dos índios e africanos, até os mais esclarecidos letrados desse tempo". Diante de tão singular processo de formação e organização sócio espacial, o povoado foi elevado à categoria de vila em 1711, tornando-se depois, em 1720, capital da Capitania das Minas Gerais.

Mello¹⁷ demonstra que sua evolução deu-se "a exemplo da urbanização das vilas do ouro, não só por se localizar em área de topografia particularmente acidentada – típica, aliás, dos grandes depósitos auríferos – como por ter sido resultante da integração dos diversos arraiais que, dispostos linearmente, foram se agrupando de forma espontânea para se consolidar no povoado". Dessa maneira, a ocupação e desenvolvimento da vila deram-se nos caminhos e direcionamentos dos vales de córregos. Posteriormente, o processo foi avançando para as áreas topograficamente mais elevadas, predominando na paisagem do povoado formado pelos antigos arraiais.

Circundada por duas serras, a paisagem da então Vila Rica poderia ser caracterizada como

um povoamento esparso, [cujo movimento] subia e descia [as cumeeiras dos morros, "começando em um ponto alto conhecido como Cabeças, para daí descer até o Pilar, subindo novamente pelo morro de Santa Quitéria (onde hoje se situa a Praça Tiradentes) e voltando a descer para Antônio Dias, de onde subia vertiginosamente até Santa Efigênia, para tornar a descer rumo ao Padre Faria".¹⁸

O processo de ocupação inicial resultou também na configuração de "[...] vazios deixados entre o solo e o piso alto são utilizados, principalmente em lotes em aclave, instalando-se lojas no térreo".¹⁹ Em relação aos arruamentos, "a Vila tem uma configuração linear apegada à estrada tronco que, aos poucos, se corrige em trechos de melhor traçado, em geral mais alto que os trechos primitivos, atalhando-os e ao mesmo tempo acompanhando a marcha das minerações que, a princípio apegado aos vales profundos, foram depois galgando serra. Todas as igrejas e edifícios principais da vila balizam esta rua tronco, com poucas exceções".²⁰

Vários caminhos configuravam na malha em formação, conformando suas primeiras hierarquias viárias. A estrada-tronco tornou-se a mais importante, uma vez que interligava as matrizes do Pilar, de Antônio Dias e de Santa Efigênia, funcionando como o espaço central de uma malha rizomática que se conurbava a partir dos principais arraiais — Padre Faria, Antônio Dias, dos Paulistas, Santana, Taquaral, Bom Sucesso, São João e Ouro Podre. Posteriormente denominada Rua Direita, suas ramificações expandiram-se rumo a Antônio Dias e Padre Faria através de inúmeras

¹⁹VASCONCELLOS, Sylvio de. Vila Rica. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 466.

²⁰VASCONCELLOS, Sylvio de. Vila Rica. op. cit., p. XX.

²¹VASCONCELLOS, Sylvio de. Vila Rica. São Paulo: Perspectiva, 1977.

²²VASCONCELLOS, Sylvio de. Vila Rica. op. cit., p. 79.

Dossiê:
“A arquitetura do Engano e o Desafio da Representação Perspectiva no Universo Artístico do Mundo Moderno”

ruas, becos, travessas e pontes.

O eixo longitudinal da povoação e as suas ruas mais importantes fazem-se no mesmo sentido do vale e da serra do Ouro Preto, vencendo, com inadequada valentia, as ondulações dos contrafortes que se antepõem à diretriz estabelecida, sem maior obediência, como seria desejar-se, à topografia do lugar. Raramente procuram adaptar-se às curvas de nível do terreno, só aproveitadas quando impostas por interesse especial, tal o caso da Rua do Rosário. Em geral, não atendem às conveniências dos planos naturais, amenizando-se apenas, nas ladeiras, pelo colear tão característico dos caminhos abertos pelo trânsito.²¹

Vila Rica poderia ser também caracterizada como um desenho urbano de formação centrípeta, iniciado a partir dos núcleos de Antônio Dias e Pilar e suas respectivas matrizes. A configuração acentuadamente linear da Vila definiu um eixo longitudinal — onde se deu a ocupação principal — e um eixo transversal secundário. A partir do movimento centrípeta e com a construção da antiga Casa de Câmara e Cadeia e, posteriormente, do Palácio dos Governadores, delimitou-se a área administrativa e definiu-se um núcleo primário que, embora não tivesse tido origem no processo de ocupação, representava uma consequência do mesmo. Dessa forma, a Praça criada como lugar central não representava um polo irradiador mas, sim, o perímetro de povoações relevantes.

A partir da segunda metade do século XVIII, a criação da praça principal transformou o quadro da aglomeração antes centrípeta. Do ponto central, a partir de fluxos centrífugos, começaram a surgir novas saídas, ramificações, ruas e caminhos. Nesse passo, o eixo rizomático deslocou-se para a primeira e expressiva centralidade — a Praça do Palácio dos Governadores e da Casa de Câmara e Cadeia. Com o enriquecimento da Vila, as melhorias urbanas proliferaram-se, definindo locais de permanência e descanso que se articulavam com as vias de passagem. Vale lembrar aqui que a ocupação predominante ocorreu no eixo longitudinal, cujas vias mais importantes “fazem-se no mesmo sentido do vale e da serra do Ouro Preto, vencendo com inadequada valentia as ondulações dos contrafortes”.²²

Tinha-se, nesse aspecto, uma ocupação tecnicamente desconectada das condições topográficas. Raramente tais ocupações acompanhavam as curvas de nível do terreno, que só se aproveitavam quando já havia uma implantação especial precursora, como por exemplo a dos templos. Complementando, os arruamentos tornavam-se, muitas vezes, inacessíveis, por não acompanharem as curvas de nível.

Posteriormente, com tecnicismos mal compreendidos, são os arruamentos abertos em retas, por vezes, de tal modo íngremes que quase impossibilitam o trânsito, obrigando soluções pouco satisfatórias, como sejam os degraus que vão batizar a Rua das Escadinhas. Degraus mais largos, patamares, aparecem também compondo os planos onde assentam as construções. A passagem se faz em faixa mediana estreita que, mais tarde, com o calçamento, ainda se mantém, por tradição, compondo-se em passeios centrais, de lajes, conhecidos por capistranas.

O zoneamento é definido nas vertentes, demarcando-se através dos eixos transversais da vila, que acompanham os espigões dos contrafortes da serra do Ouro Preto e os cursos d'água que o delimitam. A zonas que se limitam com a Praça da Câmara reservam-se para as residências de classes de maiores recursos, enquanto nas zonas extremas se encontra maior pobreza. De acordo com Mello,²³ mesmo que, posteriormente, as “novas ruas fossem abertas e outras se desenvolvessem paralelamente às

²³MELLO, Susy. Barroco mineiro. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 81.

²⁴VASCONCELLOS, Sylvio de. Mineiridade. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968, p.84.

²⁵BOSCHI, Caio B. Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

²⁶LEMOS, Celina Borges; ALBANO, Maria Celina. Entre os limites do passado e as demandas do futuro: uma análise da cidade histórica de Ouro Preto, Minas Gerais. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte, PUC-MG, v.2, n.2, p.87-113, ago. 1994.

Dossiê:
"A arquitetura do Engano o Desafio da Representação Perspectiva no Universo Artístico do Mundo Moderno"

mais antigas, incluindo becos e vielas que indicavam tanto maior progresso quanto uma tendência centrífuga, Vila Rica manteria sempre sua configuração linear, tão própria das vilas do ouro".

Considerando esses fatores havia uma tendência a "centripetar" o agrupamento humano e não, a difundi-lo, como em outros padrões de povoamento ocorridos, nos séculos XVII e XVIII, em Minas Gerais.²⁴ Tais afirmações apontam para características que atribuíam a vila tanto uma originalidade como uma singularidade.

Vila Rica e a conformação definitiva do seu traçado, da arquitetura e das características urbanas

O desenvolvimento da cidade sempre esteve vinculado às suas reservas auríferas que, gradualmente, passavam a chamar cada vez mais atenção da Coroa Portuguesa. No entanto, o fausto e a opulência registrados ao longo do século XVIII na então capital da Capitania deveriam-se mais às comunidades leigas do que ao Estado Português.²⁵ Essas comunidades foram responsáveis, em grande parte, pelas funções urbanas vinculadas tanto à produção quanto às representações espaciais. O *ethos* da cultura barroca passou a elucidar as experiências estruturadas nos espaços de representação e as próprias representações do espaço. Tais virtualidades criaram prospecções que marcaram a paisagem cultural do núcleo original e nela prevaleceram. Nesse contexto, através da arquitetura e da formação final do desenho do núcleo urbano, pululavam acontecimentos ancorados na ideia de mundanismo e transcendência.²⁶

A chegada do século XIX marcou definitivamente a Vila, devido às inúmeras transformações, até então inusitadas, que a capital vivenciou. Por um lado, encontrava-se instalado um quadro socioeconômico alarmante devido à decadência da exploração do ouro, já anunciada na segunda metade do século XVIII. Simultaneamente, à medida que novas condições materiais se impunham, Vila Rica submetia-se também aos desafios da modernização, impetrados especialmente com a presença da corte imperial portuguesa no Brasil. A antiga vila, então sede da capitania, foi promovida à condição de capital da Província de Minas Gerais, definindo uma nova fase na sua história.

Em 1823, a vila foi elevada à categoria de cidade, tornando-se a Imperial Cidade de Ouro Preto, o que coincidiu com inúmeras transformações socioeconômicas e urbanas já efetivadas e ocasionou outras tantas novas. Com o declínio da exploração mineral, rompeu-se o circuito do comércio continental, e parte da província mineira teve ampliadas as suas atividades econômicas rurais.

Vila Rica registrou, no século XVIII, uma autenticidade criativa, revelada através da arquitetura, das artes, da cultura e da vida urbana. As inúmeras e sofisticadas construções religiosas e civis, o casario e as intervenções urbanas configuraram no local uma cartografia singular. A sua condição de modernidade exibiu um:

*quadro urbano marcado pela qualidade do padrão construtivo, pela existência de equipamentos urbanos e, sobretudo, pela diversidade e qualidade das manifestações artísticas e profissionais típicas das civilizações urbanas – a música, o teatro (a Casa de Ópera de Ouro Preto é de 1769), a escultura, a pintura, a literatura, as práticas médicas, os ofícios jurídicos etc.*²⁷

²⁷ PAULA, João Antônio de. Raízes da modernidade em Minas Gerais. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.47.

²⁸ VASCONCELLOS, Sylvio de. Mineiridade. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968, p.33.

²⁹ WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade; na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

³⁰ VASCONCELLOS, Sylvio de. Vila Rica. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 83.

³¹ VASCONCELLOS, Sylvio de. Vila Rica.op. cit., p. 84.

Dossiê:

"A arquitetura do Engano e o Desafio da Representação Perspectiva no Universo Artístico do Mundo Moderno"

A paisagem cultural elucidada tinha como referência uma civilização urbana cujo modus vivendi fora condicionado por uma cultura barroca. Para Vasconcellos,²⁸ os mineiros procuravam o futuro, e dramas ou honras pregressas não lhes interessavam muito: “nas Minas, o lusitano arcaizado e o negro tribal se transformam, despertados por ilusões que suplantam desesperos, arrancados do chão de seu labor rotineiro, de seus costumes, de seus serões tranquilos, para um novo papel, um novo cenário, uma nova peça do teatro da vida”. Dessa paisagem configurou-se um cenário barroco que tinha como expressão máxima a “liberdade criativa” tanto daqueles que a habitavam quanto dos que estiveram voltados para sua produção simbólica.

A Imperial Cidade mineira assemelhava-se, em alguns aspectos, às cidades inglesas que tiveram expressivo desenvolvimento no período setecentista. Ao analisá-las, Williams²⁹ afirma que, no processo de desenvolvimento, as cidades adquiriam uma nova paisagem, aliada a um novo tipo de sociedade. A agilidade com que tal fenômeno ocorria dificultava uma separação nítida entre o que era novo em suas imagens e aquilo que permanecia enquanto referência tradicional. Em termos de organização social, Ouro Preto caracterizou-se, na segunda metade dos oitocentos, por contrastes entre o verdadeiramente antigo e o novo e entre a riqueza e a pobreza, contrastes estes já apontados também em relação à experiência do consumo. As diferenças eram intensas e problemáticas, visto que os resultados da ocupação citadina, configurados na segunda metade do século XIX, reuniam escritas vinculadas a uma interação entre a cidade santa e a cidade ímpia. Inicialmente, essas diferenças fizeram-se perceptíveis no zoneamento urbano, que teve suas origens nas vertentes onde se demarcaram os eixos transversais, incorporando os espigões dos contrafortes da Serra do Ouro Preto e os cursos d’água que os delimitam.³⁰

Conformando uma rede, o funcional, o ótico e o simbólico definiam uma articulação entre as zonas ou regiões onde se destacavam pontes, chafarizes, largos e outeiros. A primeira zona iniciava-se na ponte do Passa-Dez, atingindo o outeiro das Cabeças;

a segunda, daqui à ponte do Caquende ou do Rosário; a terceira, desta à São José; a quarta, até a Praça. Descendo para Antônio Dias, a quinta zona [compreendia-se] entre a Praça e a Ponte dos Suspiros, de Marília ou de Dirceu; a sexta [ia] desta última ao Alto da Cruz — Santa Efigênia; e a sétima e última, deste outeiro à Ponte do Padre Faria.³¹

A Praça Tiradentes, antiga Praça dos Inconfidentes, reunia atividades e serviços públicos, comerciais e habitacionais voltados para os setores mais privilegiados. Suas funções e representações prolongavam-se nas espacialidades a ela contíguas, que também eram ocupadas por atividades comerciais dispersas. Estas se apresentavam de forma mais concentrada e diversificada nas vias São José, Direita e Cláudio Manuel. Esse processo ocupacional teve continuidade nos oitocentos, quando se verificou uma presença ainda mais concentrada da ocupação profana dos setores comerciais, tanto dos modernos quanto dos mais tradicionais. Marcado por uma outra temporalidade, o cenário ouro-pretano de serviços continuava a oferecer ofícios tradicionais especializados por vias, becos e ladeiras.

A busca pela modernização tem especial registro quando se consideram a arquitetura e sua missão renovadora. Uma de suas primeiras referências nesse percurso foi notabilizada pela construção da Casa dos Contos e da Casa de Câmara e Cadeia, ainda no final do século XVIII. Dotada de linhas estéticas neoclássicas, a

²⁸ MELLO, Susy. Barroco mineiro. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 178.

³¹ BRENNA, Giovanna Rosso del. Medieval ou barroco? Proposta de leitura do espaço urbano colonial. Revista Barroco. Belo Horizonte, UFMG, n.12, 1982-1983, p.141-145.

Dossiê:
"A arquitetura do Engano o Desafio da Representação Perspectiva no Universo Artístico do Mundo Moderno"

antiga penitenciária instituiu uma relação simbólica com a praça e a paisagem cidadina.³²

Ao lado dessas definições, tornou-se manifesta uma maior preocupação, por parte do poder público, com os arruamentos, os aforamentos e os projetos voltados para construção de edificações. Nesse sentido é relevante destacar o interesse dos dirigentes pela eficiência e beleza da paisagem urbana. Ainda que acompanhassem o espírito da época, tais intenções e deliberações não foram implementadas no seu conjunto, devido à ausência de uma gestão urbana efetiva. As intenções de ordenamento e requalificação das áreas e regiões adquiriram maior relevância na segunda metade do século XIX, coincidindo com transformações socioeconômicas e políticas que alcançaram seu ápice no início do período republicano.

Os desdobramentos e a formação da paisagem mais recente a as imagens dos seus percursos nos dias atuais.

A cidade santa e a cidade ímpia que se configuraram na ocupação hierarquizada eram perceptíveis através de vários pontos e eixos que intercalavam percursos contínuos e descontínuos. A sequência do casario, seccionada por edificações notórias, e a intrépida topografia compunham a cartografia urbana provincial. Desveladas por artificios, as intenções e produções do espaço tinham os seus destaques nas "falantes" localizações urbanas das vias, largos, praças e outeiros.

O sentido da paisagem cultural de Ouro Preto demonstrava uma dinâmica ambígua e instigante. Dotado de focos persuasivos, o conjunto de imagens, como num jogo dramático, enunciava uma transversal de agenciamentos. Estes eram condicionados por referências da beleza natural do sítio, e o seu desvelamento era desenhado nos artificios da arquitetura e da conformação cidadina. A panorâmica urbana desvelava-se como uma montagem cênica composta pela exaltação do infinito e pela simulação do real. Ao tratar das características barrocas de alguns sítios históricos brasileiros, Brenna³³ afirma que o "caráter medieval" da cidade colonial deve ser libertado das suas conotações negativas, já que revela mais o conceito de um urbanismo orgânico, dotado de coerência imagética e alta qualidade visual. A autora complementa, dizendo que se faz perceptível em alguns exemplos brasileiros, entre os quais se pode incluir Ouro Preto, a implantação de um discurso espacial barroco dotado de qualidade visual e integrado a estruturas urbanas de formação espontânea e semi-espontânea.

Distanciando-se da noção do barroco europeu, o urbanismo autenticamente barroco, independentemente de sua escala, entre outros pontos, baseia-se na construção de organismos dinâmicos, policêntricos e abertos. Considerando a dimensão cênica barroca de Ouro Preto, tanto a topografia irregular e exuberante quanto as condições centrípeta e centrífuga da formação de seu desenho, ocupação e arquitetura contribuem para o entendimento da paisagem. O processo de ocupação baseado no conglomerado e na aglomeração de antigos arraiais, que se deu de forma semi-espontânea, encontrou seu ideal perspectivo na cultura barroca. Entre as perspectivas resultantes dos eixos prospectivos, a cidade distinguia-se das outras aglomerações urbanas, entre vários fatores, pelo seu caráter insular, conseqüente à conurbação centrífuga do século XVIII.³⁴

A panorâmica ouro-pretana enunciava um conjunto de instituições que definiam a paisagem cultural. Ligada aos gêneros da pintura, esta "vem ampliando seu

³⁴ LEMOS, Celina Borges, ALBANO, Maria Celina. Entre os limites do passado e as demandas do futuro: uma análise da cidade histórica de Ouro Preto, Minas Gerais. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte, PUC-MG, v.2, n.2, p.87-113, ago. 1994.

³⁵ ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. Revista do Patrimônio Histórico. Rio de Janeiro, IPHAN, n. 24, p.205-219. ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. op. cit., p. 205-219.

Dossiê:
"A arquitetura do Engano e Desafio da Representação Perspectiva no Universo Artístico do Mundo Moderno"

significado, até o ponto de incluir uma apreciação da cultura material, do 'texto' e do processo social.³⁵ Do ponto de vista mais amplo, a paisagem era histórica e vinculava-se a uma ordem social existente, referindo-se tanto à chancela especial de instituições dominantes na topografia natural quanto ao terreno social e ao conjunto inteiro do ambiente construído.³⁶ O século XIX definiu um período histórico em que Ouro Preto esteve submetida a um poder assimétrico, registrado nos contrastes marcantes do seu conjunto visual. Pontos e eixos contrastantes e convergentes da paisagem urbana expressavam paradigmaticamente a forma como coexistiam as configurações sociais dos destituídos e instituídos de poder. Perpassando materialidades e artifícios, a cidade e a arquitetura exibiam inovações inseridas nos processos de apropriação sociocultural.

Referencias Bibliográficas:

- BAETA, Rodrigo Espinha. Reflexões sobre a crítica de cunho estético à configuração a cidade colonial brasileira, 2012, p. 6. < <http://unuhoopedagogia.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/953/928>> Acesso: 08/04/2015.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOSCHI, Caio B. Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.
- BRENNA, Giovanna Rosso del. Medieval ou barroco? Proposta de leitura do espaço urbano colonial. Revista Barroco. Belo Horizonte, UFMG, n.12, 1982-1983, p. 141-145.
- LEMOS, Celina Borges; ALBANO, Maria Celina. Entre os limites do passado e as demandas do futuro: uma análise da cidade histórica de Ouro Preto, Minas Gerais. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte, PUC-MG, v. 2, n. 2, p.87-113, ago. 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes, 1981.
- MARX, Murilo. Arraiais mineiros; relendo Sylvio de Vasconcellos. Revista Barroco, Belo Horizonte, UFMG, n.15, 1990-1992.
- MELLO, Susy. Barroco mineiro. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. A fisionomia das cidades mineradoras. Belo Horizonte: CEDEPLAR / FACE / UFMG, 2001. (Textos para discussão, 163).
- PAULA, João Antônio de. Raízes da modernidade em Minas Gerais. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PIRES, P. dos Santos. A paisagem rural como recurso turístico. In: RODRIGUES, A. B. (Org.) Turismo Rural: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2003.
- SANTOS, Paulo. Formação de cidades no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1996.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. Mineiridade. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. Vila Rica. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade; na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. Revista do Patrimônio Histórico. Rio de Janeiro, IPHAN, n. 24, p.205-219.